ENTRE O INTERIOR DE SI E O CORAÇÃO DAS TREVAS: MICHEL LEIRIS E SUA *ÁFRICA FANTASMA*

Estevan de Negreiros **Ketzer**¹

Minha ambição terá sido, dia após dia, descrever essa viagem tal como a vi, eu mesmo tal como sou. .Michel Leiris

Muito embora se pense que relatos de viagem expressem somente opiniões pessoais as quais por vezes representam fragmentos de uma realidade mais complexa, o escritor francês Michel Leiris nos faz repensar tal postura, trazendo seus relatos pela África sob domínio francês. Entre maio de 1931 até fevereiro de 1933 é ele o secretário arquivista da primeira missão francesa de investigação etnográfica no continente africano. Este é parte do relato contido em *África Fantasma*, livro publicado em 1934 e fortemente criticado por Marcel Mauss, chamando-o de um “desserviço” à etnologia. Estranho golpe desferido por Mauss a uma narrativa como essa. Por que tamanha violência? O que o livro de Leiris incomodou tanto? Talvez haja um apontamento importante em seu prefácio à edição de 1951:

A África que percorri no período entre as duas guerras já não era a África heróica dos pioneiros, nem mesmo aquela de onde Joseph Conrad extraiu seu magnífico Coração das Trevas, mas também não era muito diferente do continente que hoje vemos sair do sono e, graças a movimentos populares como o *Ressemblement Démocratique Africain*, trabalhar por sua emancipação. Aí – eu seria tentado a acreditar –, deve-se buscar a razão pela qual, na África, só encontrei um fantasma. (Leiris, 2007: 48)

Um fantasma do que um dia ela teria sido? Eis então que em sua postura iconoclasta, ao mudar o jeito de pesquisar etnologia, Leiris se vê cercado do fascínio do que nem histórias ancestrais dão conta. O apontamento a Conrad não é gratuito: Leiris se viu atraído pela arte literária pela liberdade de composição que ela proporciona. Antes de embarcar nessa viagem o autor havia se aproximado do movimento surrealista francês, sendo digno de nota que o movimento contava com tentativas experimentais de envolvimento do inconsciente no processo criativo. Essa percepção está em uma estranha cadeia, poucas vezes vista na heterogeneidade etnológica. Ele percebe a entrada de um elemento danoso, problema dentro do espaço cultural invadido. Esse contato de uma sociedade altamente técnica, a ocidental, tomando espaço em culturas que se submeteram as tribos colonizadas pela França. Há algo a

---

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

mais do que um dano destrutivo ou a alienação social dessas tribos, há um elemento típico do controle do homem branco no processo.

Leiris ao perceber isso descobre não se fazer outro, não há tempo para escutar o outro, deixando-o poder se fazer outro ao seu lado. A comitiva sai correndo, a compreensão das línguas é meramente para uma comunicação imediata. Ritos não são importantes. Como um instante de enorme pessoalidade do narrador Marlow, em *O Coração das Trevas*, um lento adentrar nas trevas do inconsciente: “Éramos viajantes numa terra pré-histórica que possuía o aspecto de um planeta desconhecido” (Conrad, 2007: 67). Horror e tremor do desconhecido e por isso mesmo mantê-lo desconhecido ao realizar um trabalho etnográfico exaustivo. E neste oceano abissal é sua particularidade também uma certa hipocrisia ocidental, como na gargalhada de Odradek tão bem representada por Kafka, visto que dar-se conta da monstruosidade é parte da tarefa de Leiris, tão complexo nele mesmo a ponto encontrar a ponta da corda antes de ser cortada. Fugir e confessar. São dois mistérios que ele nos coloca, em sua descrição densa, muitos anos antes de Clifford Geertz (1989) escrever seu famoso *A Interpretação das Culturas*, em 1973. Esse emaranhado de funções em que Leiris encarna para si na expedição: a arte surrealista, um trabalho de arquivamento, de estudos em linguística, um ladrão de artigos culturais, uma confissão do paciente ao psicanalista? Nem o autor o sabe e nesse mistério reside toda a possibilidade de abertura da linguagem de Leiris ao outro plenamente outro, outro que se entrega como na liberdade de ser a si mesmo propriamente dito, como expõe o filósofo Emmanuel Levinas (2010: 24) acerca da alteridade em nossos dias: “somos responsáveis para além de nossas intenções.” Nessa ótica de um ser que se aproxima do ter a grande crítica ao Ocidente que Leiris tanto se preocupa registrar.

Na primeira parte da viagem o tempo lhe é caro, relatando com crueza, o roubo de máscaras ritualísticas de suas tribos originais, tendo de passar pelo constrangimento de devolvê-las aos seus donos. É aí nesse trato diário, com respeito jocoso, que o escritor percebe a hipocrisia de ser branco em uma terra estrangeira: “tão obsequioso porque é o mais fraco – e de resto, habituado aos turistas –, não será a bebida fermentada repartida que nos tornará mais próximos. O único vínculo que há entre nós é uma falsidade comum.” (Leiris, 2007: 276). Palavras desdenhosas de um etnólogo, mas não será justamente nessa circunstância de firme atrito que estará ele descobrindo como nasce um escritor a partir de uma lida contundente na experiência?

Leiris se entrega ao seu assim compreendido diário de campo. Aos poucos é uma África de faz de conta o que vê, como um parque de diversões, um *business place* no melhor estilo

do avanço do capitalismo tardio, como explica Fredrick Jameson (1997: 30): “uma mutação na esfera da cultura tornou tais atitudes arcaicas”, e nele se encontra mais do que a troca de linguagem, mas a neutralização da alteridade, traduzindo de modo palatável e meramente controlável o encontro com o outro, fazendo nascer a violência em atitudes banais e corriqueiras do cotidiano.

Cada vez menos suporte a ideia da colonização. Recolher impostos, esta é a grande preocupação. Pacificação, assistência médica tem um só objetivo: amansar as pessoas para que paguem os impostos e não interfiram. Corretivos às vezes sangrentos com um objetivo: recolher imposto. Estudo etnográfico com um objetivo: ser capaz de conduzir uma política mais hábil, que será melhor exatamente para recolher impostos. (Leiris, 2007: 251)

Essa postura conflitiva invade o próprio etnólogo: “Eu também acabarei dizendo que ‘os negros são todos iguais’? E que não há nada melhor para motivá-los do que umas boas pancadas.” (Ibid.: 254), como sempre foi o costume ocidental diante do mais fraco. Ninguém foge do que é. Leiris sabe muito bem disso. Ele não é um aventureiro, mesmo tendo chegado às savanas centrais ele persiste na roupagem de cientista. Sua descrição mais o aproxima de um artista incompleto, sem certezas, sem grandes orgulhos e sem obras. Como cientista precisa observar como os antigos naturalistas, cauteloso de agir compromissado com o conteúdo sempre inexorável de seu relato, mas não pode se ausentar em uma cômoda terceira pessoa.

Seu esboço para um Prefácio é particular ao extremo. “(...) se há uma coisa que o homem possui o direito de conhecer, e pretenda formular, é ele mesmo, e, portanto, as sombras do mundo, de seus seres e coisas, como se projetam em seu espírito.” (Ibid.: 301). O relato de viagem passa aos poucos a um adentramento às questões internas de Leiris. É como se após a crítica, após o intenso safári do início da expedição, Leiris estivesse sentindo vontade de mudar o tom, escrever sua confissão, a ponto de dizer que não se propôs a fazer um relato de viagem nem a manter sua subjetividade ausente. É nesse esboço, juntamente assimilado ao material do livro, que o autor questiona o “leitor de gabinete” (Ibid.: 303), inserindo assim uma incomodada transitividade na narrativa, pois joga ao leitor a percepção de que o que faz também é parcial, parte de uma rede que se deixa seduzir pelas palavras, como Ulisses ao escutar o canto das sereias. Leiris percebe o encanto com o eu e ao mesmo tempo desdenha de certezas, colocando-se como um niilista, quer uma descrição densa que permita inclusive os vieses de uma subjetividade simultânea e intransferível. “Grandeza (que

imagino) desta partida. Tristeza ardente (sou incapaz de dizer a que ponto eu a invento, a que ponto sou inventado por ela). Lembranças: ossos roídos.” (Ibid.: 308).

Escrever um diário de modo a não sair do lugar, dando a impressão de uma aventura na África selvagem, mas por vezes constatando o inamovível e a artificialidade do *estar lá*, uma estranha pretensão torna-se a imagem aprisionadora de um labirinto de palavras. Ao chegar ao baixo Nilo à expedição encontra uma porção de animais: crocodilos, elefantes, hipopótamos. São informados de que o canal pelo qual navegaram foi planejado para visitas turísticas. Natureza selvagem na qual o major da região comanda com a perícia de um grande regente a cada nova cena. Típico espetáculo ritmado para *francês ver*. Diferente foi a chegada à Abissínia, região que hoje é a Etiópia. A confusão e o temor de revoltas impossibilita que prossigam, sendo trancados na fronteira. É parte do desespero de não encontrar mulheres e se manter sob a égide do onanismo. Esse desespero que sentem por serem hóspedes e ao mesmo tempo prisioneiros de um país estrangeiro com sérios conflitos internos, a ponto de serem apontados fuzis quando decidem entrar na fronteira com seus equipamentos.

Algumas questões a partir desse relato crítico de Michel Leiris abalam em grande parte o entendimento ocidental na relação com o outro e a auspiciosa atitude de etnólogos ao se aproximarem de territórios que dentro de si mesmos se mantêm desconhecidos. Afinal, o que é realmente entrar em contato? Qual é o contato que importa fazer? É a pessoa de Leiris um obstáculo para uma mirada nas circunstâncias que envolvem o fazer técnico e científico da etnologia? A experiência de leitura, a vivência, o que constitui o *estar lá*? Talvez esse mistério permaneça insistentemente, mas ao fazer essas indagações talvez uma nova proposta de intervenção possa nascer, uma proposta que deixa mais fraturas e temores, fantasmas que assombram os caminhos que ainda não foram descobertos e encarados de frente.

Referências

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JAMESON, Fredric. *O pós-modernismo: a crítica cultural do capitalismo tardio*. Porto Alegre: Editora Ática, 1997.

LEIRIS, Michel. *A África Fantasma*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2010.